QUEM DESCOBRIO O BRAZIL?

De paradoxal contradicção aos testemunhos da historia póde ser notada a epigraphe deste artigo, como se a sua fórma interrogativa indicasse o intento de deslustrar a memoria de Pedro Alvares de Gouvêa (*), o feliz Capitão-Mór da armada apparelhada por ordem de D. Manoel para demandar a India, para a qual outro feliz Capitão-mór—Vasco da Gama—tinha descoberto a derrota maritima.

Por muito predisposto que me sinta á glorificação da patria natal, attribuindo o feito nunca feito a um plano premeditado; por mais que desejasse deixar me subjugar com a torrente de argumentos que illustres investigadores têm enthesourado para subtrahir o glorioso successo ás condições de casual, parecendo-lhes que o ser fortuito lhe amesquinha o valor; não conseguirão os fulgurantes argumentos illuminar a escuridão da descrença em que presisto.

E' admissivel, e póde mesmo dar-se como comprovado, que os grandes precursores D. Henrique e D. João II procurassem encobrir algumas das suas empresas de descobrimentos de terras de além mar com mysteriosas cautellas, deixando mesmo em nubilosas lendas assustadoras as

(*) A carta da Capitania-Mór dá-lhe o nome—de pero alvares de gouvea—no texto da carta lê-se—pedralvariz gouuea. Só mais tarde tomou o appellido de Cabral.

que lhes saião felizes; estava isto nos seus interesses para afastamento de competidores.

Descoberta a róta que levára ás terras—onde o sol primeiro nasce—pela feliz viagem de Vasco da Gama; apparelhada a segunda e mais provida armada para o mesmo destino, sob o commando de Pedro Alvares de Gouvêa, com instrucções conhecidas e em que aquelle collaborou, como é historico, qual o interesse que podia ter D. Manoel, qual o interesse que podia ter o Capitão-Mór, em deixarem attribuir ao acaso o feliz descobrimento da terra de Vera-Cruz?

Que, se o acto fosse premeditado, se pretendesse, por motivos de interesse de qualquer ordem, cerca-lo de mysterios para evitar mesmo motejos pelo insuccesso, comprehende-se; realizado, porém, o facto, é inexplicavel que nem o Rei nem nenhum dos executores desmentisse por qualquer acto a exactidão da casualidade.

Não é naturalissimo que, levado a cabo o glorioso feito, se lhe desvendassem os mysterios do emprehendimento?

Não seria descupavel que uns e outros, mandantes e executores de tão formosa empreza, quizessem gosar a gloria de a ter executado, envaidecer-se della, e reclamarem para elles, para a Patria, para a historia, as glorias que não lhes podiam ser negadas, em vez de a deixarem na relativamente modesta posição de um acto fortuito que, se para a humanidade era indifferente, não o era para a gloria dos que tinham tido a aventura de dirigir a expedição?

Como explicar a ausencia de qualquer documento positivo e authentico, em que se affirme a premeditação, o plano do afastamento da frota do caminho determinado nas instrucções em demanda das terras orientaes, com o intuito de descobrir terras de cuja existencia havia apenas suspeitas?

Como explicar a ingenuidade com que D. Manoel dirige em 29 de Julho de 1501 aos Reis do Castello carta em que diz communicando o *achamento* da nova terra «a

qual parece que Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse».

E' facto incontestado que os chronistas, quer salariados, quer não, forão sempre liberaes até á prodigalidade em elogios merecidos e até em louvaminhas immerecidas, aos contemporaneos poderosos e a seus ascendentes e descendentes, encarecendo-lhes as façanhas e encobrindo-lhes ou desculpando-lhes os erros e mesmo os crimes: como explicar, pois, que nenhum, absolutamente nenhum, consignasse nos seus escriptos que o descobrimento do Brazil fôra acto premeditado?

Por muito que se censure a ingratidão de D. Manoel para com os seus grandes servidores e da patria, é certo que foi generoso para com Vasco da Gama, cujo feito não teria realmente o valor do de Pedro Alvares, pois que aquelle—sem lhe querer diminuir as glorias—não fez mais que seguir o caminho que os portentosos navegantes de D. Henrique e de D. João II tinham traçado, e este, a ter executado o plano preconcebido, teria alcançado para si e para o Rei direitos mais valiosos á gloria e ás graças regias.

O silencio jámais quebrado á cerca da premeditação da empresa, as affirmações dos contemporaneos nunca desmentidas por aquelles que dahi colheriam glorias e honras, são, pois, documentos authenticos da casualidade do descobrimento, que nenhuma hypothese, nenhuma argucia de argumentos podem vencer.

Casual foi, pois, no meu conceito, o maravilhoso achado desta preciosa parte do globo que celebra a sua entrada no convivio das que então se avantajavam em seculos de cultura, e nem vaidades de patriotismo, nem remoques de menospreço podem offender-se por ser acto do acaso.

O glorioso Infante, propondo-se a devassar os mysterios do mar tenebroso, estabeleceu no Promontorio Sacro o centro das suas operações e até á sua morte, em 1463, ficaram descobertas Porto Santo, Santa. Maria, S. Miguel, Terceira, S. Jorge e as outras ilhas dos Açores, Maio, Santiago e Fogo do archipelago de Cabo Verde.

Reconhecera-se a costa occidental da Africa até ao cabo Bojador, e até ao Rio do Ouro e ás bocas do Senegal, e a costa de Gambia e de Guiné até ao Cabo-Roxo, e até ao Cabo-Mesurado, e as Canarias.

Fr. Gonçallo Velho, o mais famoso dos porta-estandartes, vai na vanguarda, levando como companheiros ou após elle, aventurando-se ás escuridões do mar tenebroso, Perestrello, Zarco, Tristão Vaz, Gil Eannes, Gonçallo Cabral, Cintra, João de Aveiro e outros e muitos.

Passada a syncope que se seguio á morte do grande Infante, entra na scena o não menos infatigavel e persistente—Principe Perfeito—se tal denominação merece o duro D. João 2°, que morre em 1495. Deixa reconhecida a Costa Africana até ao «Cabo das Tormentas», a que deu o nome prophetico de «Cabo da Boa Esperança»; toda a costa desde a de Santa Maria, do Gabão, bocas do Congo, e Cabo-Negro; as ilhas do golpho de Guiné, Formosa, Fernando Pó, Anno Bom, Corisco, S. Thomé e Principe.

Distinguem-se, na pleyada nunca jamais excedida dos audazes navegantes, os da escola de Sagres, já conhecidos, a mais ainda Diogo Cam, e Gonçallo Velho, Diogo Gomes, Vaz Teixeira, os Fernandes, João da Nova e o maior de todos, para o qual o Rei foi ingrato e a posteridade tem sido avára de galardões, porque ensinou a Vasco da Gama o caminho para as terras onde o sol primeiro nasce, e incomparavelmente superior a este como navegante—Bartholomeu Dias.

E emquanto por mar se procura com inaudita persistencia e audacia o caminho da India, D. João II—o Homem—como lhe chamavão Fernando e Isabel, tenaz e forte nos seus propositos, mandava por terra Pero da Cavilhām, que, viajando pelo Egypto, executa a famosa viagem que o leva até ás costas do Malabar, a Zanzibar e a Sofála.

Herdeiro desta rica herança de *acasos* e de não menor riqueza de homens, que os tinham encontrado nos caminhos percorridos, resolve D. Manoel mandar a armada, a que dá por Capitão-Mór Vasco da Gama, que, do

brando o Cabo da Boa Esperança, surge passados mezes á vista das Indias orientaes e executa o portentoso *acaso* de levar a essas plagas longinquas, vencendo o *cabo tenebroso*, a primeira nave da Europa.

E ahi começa a odyssea de *acasos* a praticar, e os pesquisadores delles a devassar mares e terras ignoradas do mundo europeo, e a surgir da escuridão em que jazeram, durante seculos infindos, novos mares, ilhas, Reinos, Imperios, Mundos.

Apparecem Diogo Dias, os Corte-Reaes, Fernandes, Lavrador, os Teyves, os Athaydes, os Camaras-Simão e Fernando de Andrade, Antonio de Abreu, Pinto, Nicolão Coelho, Escobar Affonso Lopes e Manoel Godinho e os antigos, e outros novos em admiravel successão de grandes homens de mar, e descobrem Madagascar, a ilha Barbora, no golfo do Aden e a Terra Nova e a embocadura do S. Lourenço, e as Molucas, e Ceylão e Calcutá, e os Celebes, e o Pegú, e a Santa Helena, e Ascenção e o Cabo das Palmas, e Borneu e a Australia; e o primeiro navio europeo aporta ás costas da China; e outro chega ás plagas do longinquo Japão.

Em 1500, Pedro Alvares de *Gouvêa* sahe de Lisboa como Capitão-mór de uma armada bem apparelhada com destino á India, e ou por temporaes ou por evitar calmarias, em 22 de Abril depara-se-lhe uma terra até então incognita aos navegantes portuguezes.

Estava descoberta esta feliz região da America a que deu por nome Vera Cruz e que ora é o Brazil... Um acaso.

E depois disto ainda, além de outros *acasos* como este, Fernão de Magalhães—o grande entre os maiores navegantes do seculo—em viagem das mais arrojadas que se conhecem, vencendo perigos que desanimariam outro que não possuisse como elle audacia e coragem nunca excedidas, descobre o estreito que tem o seu nome deturpado por estranhos; liga os mundos conhecidos por uma via maritima, descobrindo a passagem para o grande Oceano; depara no caminho—por acaso—as Philipinas, Carolinas, Marianas; morre, mas deixa traçada a

esteira para a circumnavegação do Globo, que só o Inglez Drake executa meio seculo depois.

No fim do seculo XVI, se na carta do Globo se indicassem com estrellas todos os pontos a que tinham chegado os navegantes portuguezes, esta carta estaria constellada com uma pulverisação de *acasos* que transformáram todas as relações sociaes e economicas do mundo e enriqueceram a humanidade com thesouros inesgotaveis.

Deixemos, pois, que se deva ao acaso o descobrimento do Brazil, porque para que a Providencia o executasse, era necessario que as caravellas portuguezas, sulcando mares nunca dantes navegados—levassem dentro—*Homens em perigos e guerras esforçados mais do que promettia a força humana.*

Não é dado aos fracos, aos timidos, aos inertes achar *acasos* que dão para epopéas e para a gratidão da humanidade. São o premio do esforço e da audacia.

Desmerece a gloria de Pedro Alvares Cabral? Que nos importa?

Adoptando os conceitos de um escriptor distincto e que faz parte da Armada Portugueza (**), referindo-se ao descobrimento do caminho maritimo da India, vou concluir explicando a interrogação da epigraphe deste artigo:

Se é indispensavel uma formula synthetica para abraçar o esforço perseverante de uma grande raça de navegadores empenhados em darem á humanidade o goso completo da patria astral que o destino lhe marcou, symbolise-se todo esse movimento no nome sagrado da nossa mãe patria, que embalou com as suas viraçõe perfumadas, que beijou com o calor do seu sol, que salpicou com a espuma alvinitente das suas vagas o berço desses nautas admiraveis.

Ergam-se monumentos aos chefes das expedições; que nas paginas da historia perdurem, mais que no bronze, as memorias dos valerosos collaboradores dos altos feitos que aquelles symbolisam, como generaes das gran-

(**) H. Lopes de Mendonça—*Da unidade de pensamento no cyclo das descobertas.*

des batalhas symbolisam o valor e sacrificios dos valentes que lhes deram as glorias.

A verdade historica, que é a synthese da unidade do pensamento no cyclo dos descobrimentos, da continuidade do esforço na heroicidade da execução é esta:

O verdadeiro descobridor do Brazil—foi *Portugal*...

B. T. de Moraes Leite Velho.